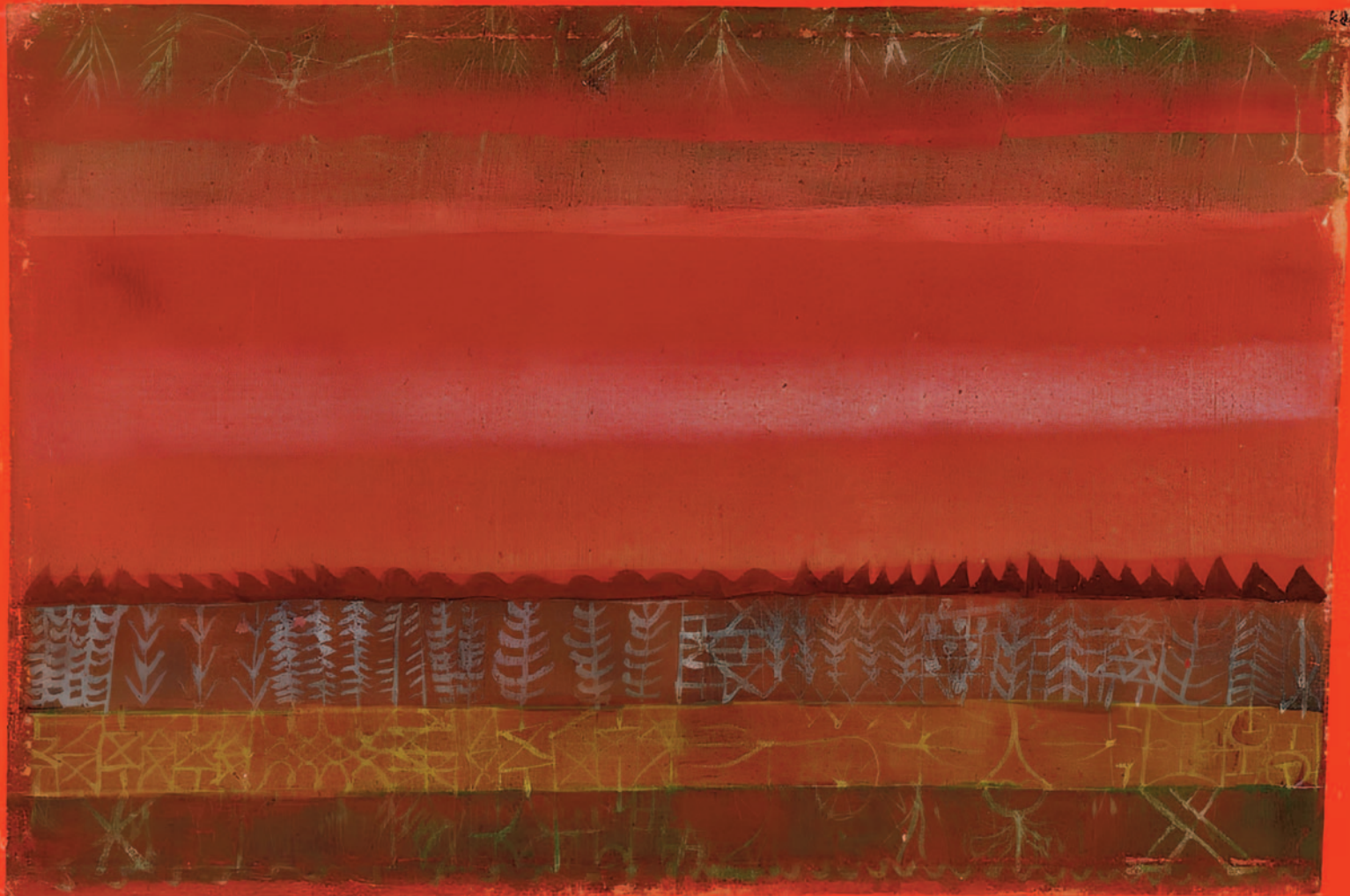




Paul Klee, *Ebene Landschaft (Flat Landscape)*, 1924

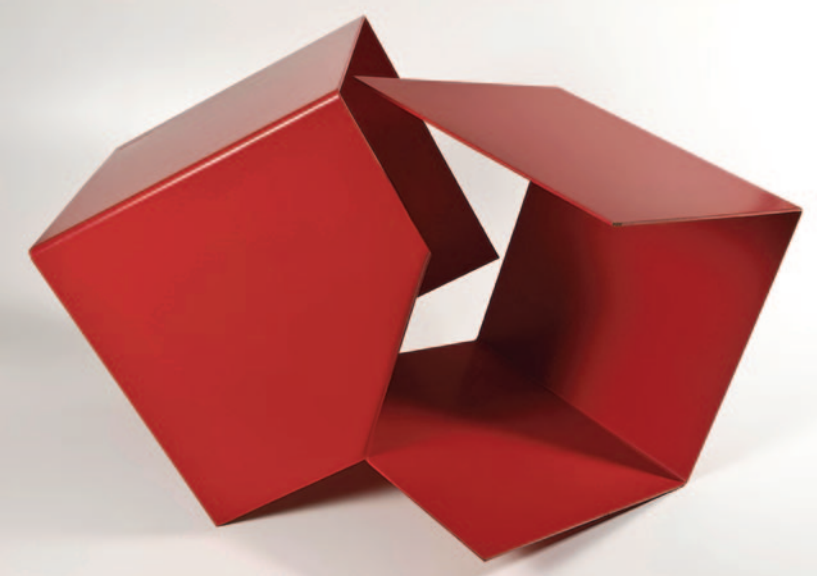
Foto: Jaime Acioli

“GUARDAR” – COLEÇÃO MARCIA E LUIZ CHRYSOSTOMO

Com curadoria de Paulo Venancio Filho, exposição apresenta 300 obras de um acervo formado ao longo de três décadas, tendo a ideia de construção como eixo central. De Kandinsky e Max Bill a Lygia Clark e Beatriz Milhazes, percurso reúne produção brasileira e internacional, com trabalhos históricos raramente vistos no país

A Casa Roberto Marinho inaugura para o público, em 19 de novembro, *Guardar*, exposição dedicada ao acervo particular de Marcia e Luiz Chrysostomo, co-

leção de destaque no panorama das artes visuais no país, formada ao longo de três décadas e hoje composta por mais de 2 mil itens. Com curadoria de Paulo



Franz Weissmann, *Sem título*, 1987

Foto: Jaime Acioli



Antonio Dias

Foto: Jaime Acioli

Venancio Filho, a mostra apresenta aproximadamente 300 obras e percorre diferentes momentos da arte brasileira e internacional, das vanguardas do início do século XX à produção contemporânea.

A exposição amplia uma relação iniciada em 2023, quando o casal participou de *Conversas entre Coleções*, também na Casa Roberto Marinho, estabelecendo diálogos entre trabalhos de seu acervo e obras da instituição. Agora, pela primeira vez, a Casa dedica uma mostra exclusivamente a esse conjunto.

Um poema do filósofo e escritor carioca Antonio Cícero, de 1996, que acompanha Luiz Chrysostomo há décadas, inspira o título da exposição. A ideia de guardar como gesto de cuidado e preservação encontra correspondência na própria história da coleção, que não nasceu de um projeto previamente definido, mas de uma relação continuada com a arte.

Josef Albers (1888-1976) e Max Bill (1908-1994), referências fundamentais da abstração geométrica e do pensamento construtivo, abrem a exposição frente a

frente. A escolha funciona, segundo Venancio Filho, como uma espécie de “*declaração*” da curadoria e estabelece uma chave que se desdobra pelo percurso. A partir deles, a mostra acompanha diferentes caminhos do pensamento construtivo e suas reverberações na arte brasileira, aproximando tempos, geografias e linguagens.

“*Uma coleção é uma constelação viva*”, escreve Paulo no texto curatorial. Para ele, um acervo dessa natureza nunca está concluído: cada nova aquisição cria relações e contágios intencionais ou inesperados. Seu ponto de partida foi reconhecer a fisionomia que Marcia e Luiz imprimiram ao conjunto ao longo dos anos. “*Meu cuidado foi não chegar com a autoridade do curador. Procurei entender a coleção tal como ela é.*”

A geometria e a cor conduzem as primeiras salas, com nomes como Ivan Serpa, Amilcar de Castro, Judith Lauand, Sergio Camargo e Franz Weissmann, ao lado de artistas internacionais como Bridget Riley e Vera Molnár. A relação entre abstração geométrica e arquitetura moderna aparece em outro núcleo, no qual

obras convivem com projetos e publicações ligados a Oscar Niemeyer, Le Corbusier e à Bauhaus.

O percurso avança para experiências das décadas de 1960 e 1970, reunindo trabalhos de Cildo Meireles, Artur Barrio, Antonio Dias, Waltercio Caldas, Carmela Gross, Carlos Vergara e Rubens Gerchman, entre outros. Mais adiante, a aproximação entre arte e palavra ganha protagonismo. Antonio Manuel e exemplares do *Poema/Processo* abrem caminho para um núcleo no qual poesia visual, livros de artista e experimentação gráfica colocam em diálogo nomes como Mira Schendel, Hélio Oiticica, Rubem Valentim, Luciano Figueiredo, Man Ray, Augusto de Campos e Julio Plaza.

O interesse de Luiz Chrysostomo pelas origens e desdobramentos dos movimentos artísticos também permeia a mostra. Um dos núcleos parte das vanguardas históricas europeias e de suas repercussões na arte brasileira e latino-americana, com trabalhos de Wassily Kandinsky, Paul Klee, Joaquín Torres-García, Georges Braque, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Cícero Dias e Oswaldo Goeldi.

Livros de artista, publicações raras e documentos históricos, apresentados em vitrines, reforçam o caráter investigativo da coleção e seu interesse pelas origens de questões presentes na produção brasileira. Entre os exemplares selecionados estão marcos ligados à *Bauhaus* e à *VKhUTEMAS*, escola de arte e design criada na Rússia nos anos 1920; *Der Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul)*, publicado em 1912 por Wassily Kandinsky e Franz Marc; e *La Fin du monde filmée par l'Ange N.-D.*, de Blaise Cendrars, publicado em 1919 com ilus-



De cima para baixo:
Obras de Cildo Meireles, Carlos Vergara e Oswaldo Goeldi
Fotos: Jaime Acioli



Wassily Kandinsky e Franz Marc, *almanaque Der Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul)*, 1912 Foto: Divulgação

trações de Fernand Léger. O conjunto atravessa o século XX e chega à produção contemporânea, com exemplares de Max Bill e Josef Albers, e livros de artista de Beatriz Milhazes.

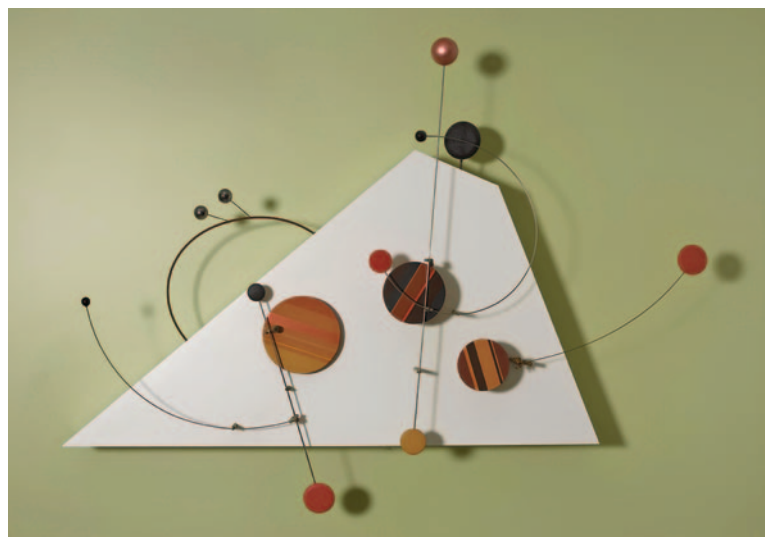
Outro núcleo se volta para o pensamento construtivo no Brasil e na América Latina. Lygia Clark, Lygia Pape, Hélio Oiticica, Ivan Serpa, Aluísio Carvão, Amílcar de Castro e Geraldo de Barros convivem com artistas latino-americanos, evidenciando aproximações e diferentes caminhos desenvolvidos a partir do concretismo e do neoconcretismo. Entre os nomes reunidos, Venancio Filho chama atenção para Rubem Ludolf, artista próximo de Luiz Chrysostomo, cuja obra considera particularmente importante dentro da ideia de construção que orienta a mostra.

Obra de Abraham Palatnik
Foto: Jaime Acioli



Obra de Lasar Segall
Foto: Jaime Acioli

A arte cinética ocupa a sala considerada pelo curador um dos pontos altos da exposição. Obras de Abraham Palatnik, Julio Le Parc, Carlos Cruz-Diez, Jesús Rafael Soto, Sérvulo Esmeraldo, Luis Tomasello e Martha Boto, entre outros, mostram como movimento, luz e participação do olhar ampliaram as pesquisas do campo construtivo. Marcel Duchamp aparece como um dos precursores dessa experimentação.



Na sequência, a escala muda. Na maior sala da Casa Roberto Marinho, obras de grande formato, predominantemente tridimensionais, ocupam o chão, as paredes e o teto, criando uma espécie de passeio entre os trabalhos. Estão nesse núcleo Tunga, Ernesto Neto, Tomie Ohtake, Elisa Bracher, Ivens Machado, Ascânio MMM e Sheila Hicks.

A *Geração 80* e seus desdobramentos introduzem outra inflexão. A relação com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage confere ao núcleo uma dimensão particularmente afetiva para Luiz Chrysostomo, que estudou na instituição em meados dos anos 1980. Daniel Senise, Cristina Canale, Leda Catunda, Luiz Zerbini e Beatriz Milhazes aparecem ao lado de artistas de outras

gerações, como Lucia Laguna, Rosângela Rennó, José Damasceno e Rebeca Carapiá.

A exposição termina com um conjunto dedicado à abstração brasileira. Alfredo Volpi, Iberê Camargo, Maria Leontina, Ione Saldanha, Antonio Bandeira, Aluísio Carvão e Maria Polo estão entre os artistas reunidos nesse núcleo.

UMA COLEÇÃO CONSTRUÍDA NO TEMPO

A coleção de Marcia e Luiz Chrysostomo começou a se formar em 1993, com a aquisição de uma pintura de 1964 da artista italiana Maria Polo, hoje presente em *Guardar*. Sem a intenção inicial de constituir um acervo, o casal reuniu obras a partir do interesse pela arte,

Da esquerda para a direita: obras de Cristina Canale, Leda Catunda e Maria Polo

Fotos: Jaime Acioli





Iberê Camargo
Foto: Jaime Acioli

da convivência com artistas e galeristas e de escolhas construídas ao longo do tempo.

Economistas de formação, Marcia e Luiz seguiram trajetórias profissionais distintas, mantendo a arte como interesse comum. Luiz atuou como curador e em instituições culturais. Marcia, que trabalhou no mercado financeiro, é psicanalista, mestre em Economia e pós-graduada em História da Arte e Arquitetura, com pesquisa dedicada à obra de Ione Saldanha. Desde a primeira aquisição, participa ativamente das decisões, pesquisas e visitas a museus que orientam a formação do acervo.

Ao longo dos anos, a coleção consolidou uma identidade marcada pelo pensamento construtivo, pela investigação das origens dos movimentos artísticos e pelas relações entre as obras. *“A palavra construção é a coisa mais forte da coleção”*, afirma Luiz, ressaltando que o conceito vai além da geometria e abrange a

curva, o ponto, a linha, a palavra e a poesia. O acervo também acompanha a produção contemporânea, reunindo artistas consagrados e trabalhos adquiridos no início de trajetórias que ainda não haviam alcançado reconhecimento.

As aquisições não seguem um roteiro predefinido. *“Não existe acaso, existe impulso”*, resume Luiz. A escolha, embora possa partir de uma atração imediata, reflete um olhar amadurecido ao longo do tempo. Obras adquiridas em diferentes momentos estabelecem novas conexões, compondo o que o colecionador define como um *“mosaico infinito”*.

UMA HISTÓRIA QUE COMEÇOU EM 1985

A relação de Luiz Chrysostomo com a Coleção Roberto Marinho começou em 1985, quando, aos 21 anos, visitou três vezes a exposição *Seis décadas de arte moderna na Coleção Roberto Marinho*, no Paço Imperial.

Estudante de Economia e frequentador da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, encontrou reunidas obras que conhecia principalmente pelos livros, em uma época de acesso limitado a exposições e publicações. *“Foi uma epifania”*, recorda. A experiência permaneceu como referência, embora ainda estivesse distante a ideia de se tornar colecionador.

Quarenta e um anos depois, o acervo formado com Marcia ocupa a Casa Roberto Marinho. A lembrança daquela visita contribuiu para que o casal aceitasse o convite, apesar da hesitação inicial em expor publicamente uma coleção construída no âmbito privado. *“A coleção não é um troféu. É um testemunho de uma vida, de um olhar, de uma forma de encarar o mundo”*, afirma Luiz. A possibilidade de proporcionar a outros visitantes uma experiência semelhante à que viveu aos 21 anos foi decisiva. Parte das obras históricas internacionais reunidas em *Guardar* raramente é vista no Brasil.

GUARDAR PARA TORNAR VISÍVEL

Para o curador Paulo Venancio Filho, coleções particulares podem contribuir para preencher lacunas dos acervos públicos. *“O sentido maior é o de resguardar o que tem relevância não só para o colecionador, mas para as artes plásticas brasileiras”*, analisa.

Marcia e Luiz emprestam regularmente obras a instituições e exposições, aproximando a preservação do acesso público. *Guardar* inaugura um programa da Casa Roberto Marinho dedicado a coleções particulares. Segundo Lauro Cavalcanti, diretor-executivo da

instituição, a abrangência, a qualidade das obras e o rigor na formação do acervo do casal motivaram sua escolha para iniciar o projeto.

SERVIÇO

Guardar – Coleção Marcia e Luiz Chrysostomo

Abertura: 19 de novembro, às 12h

Encerramento: 14 de março de 2027

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h; aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h.

Ingressos: à venda exclusivamente na bilheteria – R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada); às quartas, a entrada é franca para todos os públicos; aos domingos, “ingresso família” a R\$10 para grupos de quatro pessoas.

A Casa Roberto Marinho respeita todas as gratuidades previstas por lei e é acessível a pessoas com deficiência física.

Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local.



Joaquín Torres-García

Foto: Jaime Acioli